

Vidas entrelaçadas: uma experiência intergeracional na educação não-formal

Intertwined lives: an intergenerational experience in non-formal education

SELMA MACHADO SIMÃO¹

ELVIRA CRISTINA MARTINS TASSONI²

RESUMO: Este artigo baseia-se em uma experiência educacional realizada com sujeitos de diferentes faixas etárias, frequentadores de uma organização não-governamental, localizada em Campinas (SP). Essa experiência proporcionou vivências intergeracionais, apostando na ampliação do repertório cultural e na melhoria da autoestima dos participantes. A prática educacional relatada aproximou a leitura e as linguagens escrita e pictórica. Ela contou com dez oficinas com o objetivo de favorecer a imersão dos participantes nas dimensões da subjetividade, buscando criar ambientes propícios para o desenvolvimento de capacidades expressivas e afetivas que pudessem promover o envolvimento social intergeracional, o fortalecimento dos laços de pertencimento e a reconstrução da memória compartilhada. A experiência possibilitou a interface entre a cultura do adulto e a cultura da criança e do adolescente, evidenciando preferências estéticas, diferentes modos de pensar e conhecimentos de mundo, estreitando as fronteiras entre gerações e subvertendo as práticas educacionais tradicionais sedimentadas e esvaziadas de significação.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; escrita; arte-educação.

1. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, SP, Brasil.

2. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

ABSTRACT: This article is based on an educational experiment conducted with subjects of different ages, regular members of a non-governmental organization based in Campinas (SP). This experience provided intergenerational experiences, focusing on increasing the cultural repertoire and improving the self-esteem of participants. The reported educational practice brought together reading and imagetic languages. The research included ten workshops in order to facilitate the immersion of the participants in the dimensions of subjectivity, seeking to create enagling environments for the development of expressive and affective capacities that could promote intergenerational social involvement, strengthening the bonds of belonging and the reconstruction of shared memory environments. The experience enabled the relationship between adult culture and the culture of children and adolescents, highlighting aesthetic preferences, different ways of thinking and knowledge of the world, narrowing the boundaries between generations and subverting traditional educational practices which have been sedimented and emptied of meaning.

KEYWORDS: Reading; writing; art education.

INTRODUÇÃO

A organização não-governamental Projeto Gente Nova (PROGEN) é um espaço educacional não-formal que atua também no âmbito assistencial, atendendo aproximadamente 620 pessoas, entre crianças, adolescentes, adultos jovens e idosos. Ela oferece 46 oficinas educacionais, dentre elas algumas destinadas a atividades esportivas e movimentos corporais, como, por exemplo, futebol, capoeira, ginástica olímpica e circence, dança e ioga. As atividades de lazer consistem em comemorações dos aniversariantes do mês, festa junina, Páscoa e Natal; atividades culturais, como palestras, visitas a museus e fazendas históricas; excursões para as cidades turísticas na cidade de São Paulo; bailes temáticos; apresentações musicais realizadas pelos próprios integrantes e por convidados; exposições dos trabalhos realizados na entidade e marchas coletivas organizadas pelo bairro. Oferece alimentação, incluindo café da manhã, almoço e lanche da tarde; atendimento psicológico e encaminhamento a outros serviços, tais como: posto de saúde, hospitais, conselho tutelar etc. As atividades desenvolvidas no PROGEN têm como objetivos principais promover inclusão social dos diversos grupos que frequentam a entidade, além de desenvolver ações de prevenção com relação às pessoas que se encontram em vulnerabilidade social. O PROGEN tem estabelecido, com o passar do tempo, um intenso diálogo com duas universidades da região, com ações específicas na área da Psicologia e

Nutrição, bem como com o trabalho de reconstrução da história dos bairros da periferia da cidade. O público que frequenta o PROGEN pode escolher o horário que melhor se adapte à sua rotina diária, sendo que a participação é espontânea e livre de quaisquer compromissos com a entidade. A grande maioria dessas pessoas tem frequência estável, pois são computados pouquíssimos casos de desistência. Isso ocorre justamente pelos benefícios oferecidos no âmbito assistencial e educacional.

Este artigo se refere a um conjunto de práticas educacionais ministradas com base em um projeto de *pós-doutorado em Educação* que está sendo desenvolvido no PROGEN e que privilegia o oferecimento de oportunidades para vivências intergeracionais, na expectativa de que ele promova a ampliação do repertório cultural e a melhoria da autoestima dos participantes, por meio da convivência entre diferentes gerações. Dentre as atividades propostas neste projeto, um conjunto de práticas destacou-se pelo alto nível de receptividade e participação demonstrada pelos grupos envolvidos. Tais práticas foram realizadas em dez sucessivas oficinas de duas horas e meia cada uma, antecedidas por mais ou menos meia hora para a realização de rodas de conversa. No intuito de favorecer possibilidades de imersão dos participantes nas dimensões da subjetividade, essas oficinas buscaram também a criação de ambientes propícios ao desenvolvimento de capacidades expressivas e afetivas que pudessem promover o envolvimento social intergeracional, o fortalecimento dos laços de pertencimento e a reconstrução da memória compartilhada. Esse encontro de gerações deu-se pela unificação das produções culturais realizadas pelos integrantes de dois grupos de diferentes faixas etárias. As oficinas exploravam a linguagem escrita por meio da produção de textos variados pelos participantes, a expressão oral pela leitura desses textos e a linguagem da arte com a realização de desenhos, pinturas e colagens, as quais tinham como referência os textos produzidos como suportes ilustrativos das mensagens contidas nos diversos escritos.

A formação de laços de pertencimento, um dos objetivos principais do projeto, é um fenômeno que requer um envolvimento, ou inter-relação dos agentes sociais com grupos ou locais que possam vir a frequentar, por meio de aproximações, associações, preferências, comportamentos, crenças, etc. Com base nessas relações, as pessoas têm a oportunidade de vivenciar um sentimento gratificante que as une, sentindo-se conectadas, ligadas, pertencentes a outros grupos e familiarizadas tanto com esses grupos quanto com os espaços que escolheram para estabelecer esses laços.

Outro objetivo da proposta das oficinas foi o resgate de lembranças e reminiscências prazerosas de vida que muitas vezes não encontram espaço para

manifestação diante dos afazeres cotidianos e que, portanto, acabam relegadas ao esquecimento. Com o resgate dessas memórias, é possível reavivar os sentimentos que estiveram ligados a elas e assim vivenciar a satisfação do “bem vivido” ou da vida que foi usufruída produtivamente – dádiva que essa reconstrução é capaz de proporcionar quando bem direcionada.

As ações de compartilhamento no âmbito coletivo colaboram com o fortalecimento desses sentimentos vindos das dimensões de pertencimento e da reconstrução da memória. Dessa forma, as oficinas buscaram contribuir com a formação de laços associativos formados entre as pessoas e o espaço de Educação não-formal que frequentam, além de divulgar as histórias dos mais velhos para as crianças e adolescentes, irmanando-os por meio das diversas linguagens expressivas e colaborando nessa reconstrução mnemônica. Como os objetivos principais dessas oficinas estavam voltados à promoção dessas instâncias, nada como a arte e seu potencial de expressão livre para auxiliar nos processos de desinibição e desbloqueio, facilitando a conquista de resultados positivos no trabalho.

Assim, o presente artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente, relatamos a experiência educacional com as oficinas, apresentando as propostas de trabalho, áreas de conhecimento desenvolvidas durante o processo pedagógico e a descrição de detalhes sobre a apreensão e interação dos participantes no andamento das atividades; na sequência, realizamos as análises sobre a experiência vivida, defendendo a importância da valorização da noção de autoria e da formação dos laços de pertencimento como diretrizes fundamentais a serem exploradas nas abordagens educativas contemporâneas; e, por fim, algumas considerações sobre os resultados obtidos com tal experiência.

ESCRITOS E IMAGENS UNINDO GERAÇÕES

O trabalho foi desenvolvido com dois grupos distintos que frequentavam a entidade. O primeiro grupo era constituído por 21 senhoras, entre 20 e um pouco mais de 80 anos. Um grupo bem assíduo e participante foi se constituindo no desenvolvimento do trabalho, já que o entusiasmo de algumas delas ia contagiando outras um pouco mais reticentes no início. O segundo grupo, também bastante heterogêneo, era constituído por 21 crianças e adolescentes com idades entre 7 e 15 anos. A assiduidade não era o ponto forte desse grupo, pois as festas de aniversários, apresentações musicais e muitas outras atividades não regulares oferecidas para as crianças e adolescentes os atraíam mais, fazendo com que se ausentassem de nossos encontros (a educação

não-formal preza pelo caráter educativo libertário onde a frequência e a participação são voluntárias). Mas essas crianças e adolescentes, quando retornavam, completavam seus trabalhos e expunham aos colegas o resultado final alcançado.

O trabalho realizado com esses dois grupos envolveu um processo com três etapas. Na primeira delas, a proposta era de criação de textos escritos pelo grupo das senhoras. Na segunda etapa, cada texto produzido foi colado em um tecido-tela e cada uma das autoras realizou um trabalho utilizando técnicas variadas, em torno dos textos colados, tais como: desenhos, pinturas, colagem de fotos e diversos materiais (adesivos, pedrarias, etc.). A última etapa do trabalho se deu com a realização de ilustrações feitas com base nesses mesmos escritos, elaboradas em outra página, também de tecido-tela, criadas por crianças e adolescentes pertencentes ao outro grupo.

Inicialmente, o grupo de senhoras se dedicou à criação de textos. Eram pequenas histórias, poesias, contos, “causos” e demais relatos e narrativas baseadas em suas próprias histórias de vida, ou simplesmente valendo-se de sua inventividade. Os temas escolhidos por elas foram diversificados e envolveram tópicos sobre: relacionamento interpessoal; relacionamento intergeracional; vivências no relacionamento com a família; a infância, a velhice e as lembranças das diferentes etapas da vida; cidadania; costumes, crenças e credences; espiritualidade; brinquedos e brincadeiras antigas; memória cultural; preservação da natureza e outros temas. Todas foram incentivadas à criação literária, segundo a ideia da **escrita** vinculada à **criação autoral**, em um exercício que buscou desenvolver aspectos relacionados ao desbloqueio da expressão pessoal e à fluência no **discurso escrito**. Com a liberdade de explorar elementos ficcionais, recursos poemáticos e narrações na primeira ou terceira pessoa, muitas participantes vivenciaram a experiência com entusiasmo, pois comentavam como tinha sido interessante o processo de se dedicar a criar ou contar uma de suas próprias histórias. Uma delas fez questão de contar como elaborou seu escrito:

– Minha inspiração para escrever vinha aos poucos e durante o dia eu interrompia o que estava fazendo pra colocar ideias no papel. Depois mostrei o texto para minha neta e para minha filha e minha filha disse assim: Mãe! Foi você mesmo que fez?!

Satisfeita com sua produção, essa senhora pôde experimentar uma sensação de contentamento e realização por ter aproveitado a oportunidade de expressar uma potencialidade literária latente e pouco explorada no seu dia-a-dia. Mais ainda,

quando constatou que seu texto em formato de adivinhação havia causado admiração e agrado à sua família (Figura 1).



Figura 1. Texto sobre o cultivo e o consumo do café brasileiro produzido por uma das senhoras participantes – Fonte: Acervo de fotos das autoras.

Com os textos finalizados, como descrito anteriormente, cada participante ornamentou a página onde sua produção literária foi registrada, colorindo-a com sua cor predileta e fazendo pequenos desenhos, colagem de fotos e de outros enfeites (Figuras 2 e 3). Dessa forma, foi possível às autoras resgatar práticas da vida escolar, recuperando potenciais expressivos e recordações relativas ao prazer de escrever,

desenhar, pintar, colar, para depois ler seus textos compartilhando seu trabalho com as colegas. Algumas mais tímidas diziam não ter ideias para escrever, mas, com o desenvolvimento do trabalho, ouvindo os relatos do grupo, foram se animando e trazendo suas contribuições.



Figura 2. Texto produzido e ilustrado por outra participante do grupo – Fonte: Acervo de fotos das autoras.



Figura 3. Texto produzido e ilustrado por outra participante do grupo – Fonte: Acervo de fotos das autoras.

Era nas ocasiões das rodas de conversa que iniciavam todas as atividades das oficinas que cada integrante do grupo de senhoras lia seu texto e apresentava a página que havia ilustrado. A leitura de seus escritos, além de exercitar aspectos como a fluência verbal e o gosto pela leitura, também conferiu a essas senhoras o prazer de comunicar uma vivência pessoal cuidadosamente selecionada por elas e, portanto, considerada como digna de ser rememorada.

Segundo Silva e Ferreira (2011, p. 50-51), existem diferentes formas de ler, assim como diferentes formas de desfrutar a leitura. As autoras afirmam que as práticas

socioculturais de leitura mobilizam formas e saberes além de seu caráter material, ou de um conhecimento específico, porque estão revestidas de valores simbólicos. Explicam também que a leitura é mobilizadora de afetos e ressaltam seu aspecto coletivo:

Não há leitores que possam ser tomados sem que se leve em conta a comunidade na qual aprenderam a ler, a dominar códigos, gostos, competências, modalidades. Além disso, sem que se leve em conta onde, com quem, de que modo, para quê, por que, praticam a leitura. Cada meio (grupo ou comunidade e entre eles, a escola) produz suas modalidades, partilhadas, aceitas e legitimadas de ler. Os leitores se formam no interior de uma rede de gestos, maneiras, protocolos, entendimentos, valores. Todos praticados e compartilhados, e nem sempre “ditos”. Por isso, para cada leitor, precisamos perguntar não apenas o que leu, mas: Onde? Com qual suporte material? Quando? Em que situação? Com quem? Com quais motivações? Com quais propósitos? Como? (...) E diríamos mais, a leitura assumiu e assume formas e finalidades diversas ao longo de história e no interior de uma mesma comunidade, favorecendo sentimentos de pertencimento ou não.

Cada um desses escritos realizados pelo grupo de senhoras ganhou uma ilustração criada por crianças e adolescentes do outro grupo do espaço educacional participante dessa experiência. Quando os textos recolhidos foram levados ao grupo de crianças e adolescentes para serem ilustrados por eles, cada participante também lia o escrito que iria ilustrar em voz alta para seu grupo, mencionando o nome de sua autora. Assim, combinando gêneros e ações em livres experimentações, estes dois grupos de criação foram interligados: o primeiro criando produções escritas que funcionaram como estímulos geradores para outras produções, e o segundo, que, iniciando pela leitura deste material, realizou o trânsito da linguagem escrita para a pictórica.

A leitura dos textos por cada interlocutor do grupo de crianças e adolescentes ocorreu inicialmente de forma linear e ininterrupta e, posteriormente, de forma não linear, na busca de informações, ressaltando trechos que mais lhe chamavam a atenção, interpretando-os com suas próprias palavras e buscando esclarecer as dúvidas que surgiam. Por exemplo, a narrativa emocionada de uma das senhoras, contando como conheceu o cantor Roberto Carlos em seu camarim após um show, instigou a turma a perguntar detalhes sobre a obra e a vida desse importante artista do cenário brasileiro que conheciam apenas superficialmente.

Os jovens leitores puderam assim extrair mais subsídios para suas ilustrações. Depois, foram motivados a descrever os elementos plásticos que seu texto apresentava, como o tipo de caligrafia, as figuras em torno da página e as cores utilizadas. Nessa oportunidade, todos puderam opinar sobre quais elementos ou figuras poderiam ser elaboradas para compor a ilustração do texto que havia sido lido. Essas estratégias foram empreendidas para aproximar cada leitor do texto escrito que iria ilustrar, incitando a sua criatividade e possibilitando a interação com as histórias (Figuras 4 e 5).



Figura 4 . Texto produzido e ilustrado por uma das senhoras sobre um incidente após uma festa junina – Fonte: Acervo de fotos das autoras.



Figura 5 . Detalhe da ilustração de um adolescente sobre o texto escrito de uma senhora apresentado na Fig. 4. – Fonte: Acervo de fotos das autoras.

Como se pode observar, a Figura 4 mostra o texto produzido e ilustrado por uma das senhoras participantes do grupo, que contava sobre um incidente ocorrido em uma festa junina, no período de sua infância, e que culminou com o incêndio de um galinheiro. Na Figura 5, um dos adolescentes pertencentes ao outro grupo leu e ilustrou o texto produzido pela senhora.

Ao ter suas histórias lidas e ressignificadas pelas pinturas e desenhos feitos pelos mais jovens, foi conferido a essas senhoras um reconhecimento especial dos seus saberes, dando-lhes visibilidade, prestígio e contribuindo para uma construção mais positiva de sua autoimagem e de sua autoestima.

Referindo-se especialmente aos mais velhos, Lopes (2008, p. 271) sublinha a importância de “reconhecer-se e ser reconhecido” entre outras instâncias, também em novos papéis, e desvendando poeticamente a velhice, a autora relata: “A velhice é o momento de lembrar. A criança brinca, o jovem descobre, o adulto produz, o

velho lembra. Por dispor de mais tempo, ou por ser este o que lhe resta, ao velho cabe lembrar”. Segundo a autora, crianças e velhos são relegados a um segundo plano no âmbito social porque essas faixas etárias são julgadas como improdutivas, observando que “estudiosos que se debruçam sobre o tema das relações intergeracionais defendem a ocorrência de entendimento e benefícios mútuos no encontro entre velhos e crianças” (Lopes, 2008, p. 19). Mediante esta constatação, Lopes (2008, p. 304) finaliza sua pesquisa com a seguinte proposta:

Colocar velhos e crianças juntos, respeitando individualidades e abrindo espaço para que se encontrem em ambientes promotores da construção do conhecimento sobre velhice e o passado da comunidade a que pertencem, é um passo importante na direção a uma sociedade mais justa para todas as idades.

A expressão escrita, caracterizada por sua concretude e clareza, auxiliou na formação de imagens mentais facilitadoras das realizações das produções das crianças e adolescentes, assim como *insights* intangíveis, mas potenciais, para a realização de processos colaborativos de criação em parcerias. Os escritos associados à sua leitura foram valorizados como matrizes heurísticas voltadas ao desenvolvimento de diferentes tipos de poéticas nas linguagens do desenho e da pintura, favorecendo as relações entre os aspectos ligados ao verbal e o não-verbal, assim como suas respectivas traduções, mesclando sentidos e significados tanto no processo de produção quanto no de fruição do trabalho. Tal processo possibilitou a criação de vínculos afetivos indiretos entre os integrantes dos grupos, proporcionando aproximações e possibilidades positivas de compartilhamento da experiência. Dessa forma, as imagens criadas com base no texto puderam ser observadas por outros grupos, tanto referenciadas aos escritos que as geraram, quanto de maneira independente, elaborando sentidos próprios.

Todos esses registros escritos e pictóricos foram reunidos para completar a montagem de um livro de memórias construído artesanalmente e intitulado “Contando histórias” (Figura 6). Esse livro pertence agora ao acervo da organização não-governamental PROGEN e é acessível a todos os seus participantes. Os conteúdos nele contidos atuaram dentro e fora das páginas idealizadas e construídas, já que cruzaram toda a gama de subjetividades pertinentes ao processo criativo dos envolvidos. As linguagens relativas à oralidade, à leitura, à escrita, ao desenho e à pintura atuaram dentro e fora dos seus suportes e possibilitaram a materialização de uma

ação conjunta caracterizada pelo desejo de deixar marcas, registros de existências. Capazes de apresentar uma sequência poética baseada no entrelaçamento das experiências coletivas, todos esses escritos e imagens reunidos tornaram-se registros de permanência como memórias plantadas de tempos passados e presentes, passíveis de gerar sementes para projetos futuros.



Figura 6. Capa do livro que reuniu todos os textos e ilustrações produzidas – Fonte: Acervo de fotos das autoras.

Britto (2005, p. 11) afirma que a escrita “é uma poderosa tecnologia de expansão da memória. [...] [Tal expansão] permite a um indivíduo ou a um grupo maior capacidade de memória, porque pode esquecer sem esquecer, uma vez que não é

mais preciso guardar na mente todas as informações”. O autor também observa que “pensar em pertencimento à cultura escrita é muito mais que pensar em saber ler e escrever. É referir-se a um modo de organização e de produção social” (IDEM, p. 9).

No caso específico dessa proposta que fez a aliança da escrita com a imagem, a força comunicativa da produção cultural ganhou em complexidade, pois serviu de estímulo para a inspiração e a criatividade, além de ter promovido a troca, a circulação de conhecimentos e o compartilhamento da autoria na rede local. Respeitando a organização dos tempos do espaço educacional, as oficinas foram ministradas em horários diferentes para os dois grupos, e assim a aproximação mais frequente entre os integrantes foi realizada indiretamente através de suas produções culturais, por meio das quais os participantes acabavam se “conhecendo”. Porém, em algumas oportunidades foi possível juntar integrantes dos dois grupos nos mesmos espaços e horários, reunindo diferentes processos criativos ligados ao fazer artístico em um projeto em comum.

O eu e o outro são interligados, ora contrapondo-se, ora combinando-se, e é com base nas diferenças que, neste trabalho, o todo se constitui. Barbosa (2014, p. 2) fala da identidade, imagem e da identificação:

Identidade é ser para si mesmo e para o Outro; conseqüentemente, a identidade é encontrada entre nossas diferenças. A função das artes na formação da imagem da identidade lhe confere um papel característico dentre os complexos aspectos da cultura. Identificação é sempre a produção de uma imagem de identidade e transformação do sujeito ao assumir ou rejeitar aquela imagem reconhecida pelo outro.

Com o trabalho finalizado, inter-relacionando produções e confrontando identidades, foi possível verificar o surgimento de um sentimento de bem comum que ultrapassou as fronteiras do âmbito pessoal e atingiu a coletividade. As rodas de conversa realizadas no início das oficinas foram momentos importantes para se aprofundar essas intenções comunicativas e contribuíram para o desenvolvimento de laços afetivos ainda mais fortes entre os integrantes, destes com a entidade e com a cultura local.

A experiência possibilitou também o intercâmbio de saberes entre os mais velhos e os mais novos de uma forma prazerosa e significativa pela rememoração de histórias que remetem à oralidade, neste caso, disseminada pela leitura, prática ancestral de transmissão de conhecimentos. As diferentes linguagens entrelaçadas

colaboraram para que as práticas escapassem dos métodos educacionais tradicionais, para realizar registros lúdicos hibridizando infância, juventude e velhice.

Buscando explorar informações que incluíssem imprevistos sem regular-se por visões predeterminadas da realidade, a experiência vivida permitiu que os movimentos de busca de saberes fossem disseminados através dos interesses dos grupos e auxiliassem na formulação de novos objetivos. Os participantes traziam proposições que emergiam do próprio campo do experimento, e essas inserções iam sendo conferidas, desafiadas e legitimadas no processo de apreensão dos conteúdos. Essa escolha metodológica refere-se a um tipo específico de abordagem da Pesquisa-Ação Integral de André Morin (2004). Assim sendo, a ação reforçou um caráter ideológico pautado na valorização dos laços afetivos criados pela convivência, pelo trabalho realizado coletivamente e pela liberdade para criar.

O CONTEXTO IDEOLÓGICO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Na contramão de um nexo já estabelecido no qual os livros lidos nas instituições educacionais comumente são produzidos pela indústria cultural, essa proposta educacional reuniu diversos processos criativos e seus diferentes estímulos disparadores para obter uma produção artesanal singular e imprevisível. Na era da incerteza e em busca da não-linearidade e da não-regularidade que confrontam os modelos educacionais reprodutores e domesticadores, geralmente submetidos à dominação cultural imposta por grupos hegemônicos, a ideia surge como uma tentativa de subverter práticas educacionais tradicionais sedimentadas e esvaziadas de significação. Segundo Britto (2005, p. 15), para abordar o campo da escrita e promover uma educação participativa que propicie espaços para autonomia, é necessário que as atuações sejam guiadas por meio de significados e sentidos especiais:

O que se propõe como princípio que deve orientar a ação educativa é que entrar no universo da escrita é operar com signos e significados dentro de um mundo pleno de valores e de sentidos historicamente produzidos e socialmente marcados: portanto, operar com esses discursos, em particular quando se pensa em um sujeito autônomo, inserido e indignado, supõe que se possa sempre pôr em questão as formas de alienação e de dominação.

É necessário quebrar paradigmas muitas vezes impostos pela formação educacional, que subestima diferentes culturas, privilegiando aquela que é

propagada pelos meios de comunicação de massa, mantida por interesses mercadológicos, em detrimento da criação artesanal popular. Segundo Loureiro e Della Fonte (2003, p. 61),

Em vez de seres autônomos emancipados, vê-se subjetividades danificadas, que buscam a identificação com as coisas, subjetividades reificadas que só se expressam e se sentem como seres existentes no momento em que estão exercendo o sacro exercício de contemplação e consumo de mercadorias. Parece restar, apenas a formação do cidadão-cliente.

Práticas educacionais que visem romper deliberadamente com laços de hierarquia entre produtor e consumidor de cultura são possíveis por meio de ações transgressoras dessa “ordem”. São ações educativas que se lançam a estimular a produção da cultura pelos grupos, mas não só isso: também valorizá-la oferecendo opções para que os envolvidos possam apropriar-se dela e veiculá-la, tendo-a como produto sociocultural, inerente ao contexto de seu diário viver. Tal processo constitui uma forma profícua e coerente de produzir movimentos de resistência contra a influência de estereótipos massificados formulados para instituir e dirigir o desejo que sustenta os mercados de consumo.

Para Loureiro e Della Fonte (2003), a visão da educação no contexto pós-moderno deve abandonar as metanarrativas para dar espaço à existência de narrativas plurais. Com esse objetivo, sob a égide da proposta educativa que se posiciona como libertária, promovem-se ações que recusam o apagamento da subjetividade e valorizam a importância da autoria nas produções socioculturais dos grupos.

Uma grande parte do público de adultos jovens e idosos e do público infantil e adolescente não valoriza sua própria produção literária e artística por vários motivos: automática aceitação da concepção do senso comum, segundo o qual a criação é tida como uma manifestação somente reservada aos desígnios de gênios, à elite, ao lazer ou à terapia; falta de estímulo; falta de oportunidades; e, por último, vivência estudantil constituída de ações educacionais esvaziadas de significado. Privando-se da oportunidade de expressar-se desse modo, essas pessoas desconsideram que produzir e fruir, desfrutando do prazer e do saber que o poder da criação pode conferir, constituem um potencial inerente a todos.

Bloqueios podem ser superados pela transformação da disposição dos envolvidos em aderir à criação como integrante e integradora da realidade cotidiana, reconhecendo suas múltiplas escolhas e os diferentes modos de lidar com ela.

Pressupostos que, se bem trabalhados entre os grupos, se constituirão em fatores muito mais significativos e facilitadores para o sucesso de um projeto educacional do que as dificuldades vindas da falta de recursos materiais. Assim, é necessário atualizar o olhar dos adultos jovens e idosos, dos adolescentes e das crianças sobre sua própria produção, ressaltando a autoria da infância, da juventude e da velhice como dignas de sua inserção nos espaços cotidianos das comunidades, recebendo-as como geradoras de bens culturais. Essa é uma tarefa complexa, que requer um importante trabalho de conscientização voltado ao alcance de uma concepção livre de preconceitos e em constante reformulação, que valorize e legitime verdadeiramente a contextualização social e cultural de cada grupo.

Para que houvesse a integração dos vários segmentos durante o desenvolvimento dessa atividade, as pessoas foram motivadas a pesquisar meios para fomentar novas formas de suprir suas necessidades criativas, além de obter mais espaços para comunicá-las. Desse modo, resalta-se a importância de incentivar aspectos que visem à liberdade, à individualidade e à originalidade, criando possibilidades que possam desenvolver a capacidade dos agentes de se abrirem para o novo.

A gênese do *constructo* que envolveu o trabalho realizou uma interação que possibilitou a conexão de representações sociais diferenciadas em tramas constituídas por associações criativas e cognitivas. Elementos que instauraram a materialidade significativa do trabalho - como: escolha de materiais para a produção das ilustrações, tais como, carvão, giz de cera, lápis de cor, tinta etc., levando em consideração a complexidade das composições, formato das figuras, a poética dos traços, desenhos e pinturas, escolha das cores, tipos de caligrafias - acabaram confirmando as tendências dessas representações discursivas dos grupos: identidades, vozes, olhares, gostos, ideologias – heterogeneidade entrelaçada, em rede.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados das análises da experiência intergeracional realizada, que integrou as práticas educacionais de leitura e diferentes linguagens expressivas, confirmaram que é possível contribuir para a difusão de saberes entre as gerações, para a formação de laços de pertencimento e para a reconstrução da memória compartilhada. Desse modo, foram geradas possibilidades de aprofundamento das relações já existentes na entidade, assim como a criação de novos laços de convívio, proporcionados pela afetividade que envolve o “fazer” artístico.

Nesse trabalho testou-se um modelo educativo inovador que possibilitou a interface entre a cultura do adulto e a cultura da criança e do adolescente, evidenciando preferências estéticas, diferentes modos de pensar e conhecimentos de mundo. Os interlocutores obtiveram a oportunidade de estreitar indiretamente as fronteiras entre gerações, subvertendo condicionantes advindos da segregação de suas práticas em tempos e espaços diferenciados.

Influenciamos as vivências voltadas ao ensino e aprendizagem e somos por elas influenciados,, pois essas atividades humanas atuam de maneira sincrônica, coexistente, em um processo de retroalimentação que, ao mesmo tempo, recebe e retribui de maneira cíclica o conhecimento que é gerado. Elas não somente se constituem por processos intermináveis difundidos entre as diferentes culturas que atuam intercambiando conhecimentos originados no passado com aqueles geradores de descobertas futuras, mas também são saberes relativos ao momento em que se realiza a experiência da troca, tanto beneficiando aquele que aprende quanto aquele que ensina. Assim, devemos combater a insensibilidade que não dá importância às diversas formas de apagamento dos saberes locais produzidos entre as diferentes gerações nos movimentos da vida cotidiana, que acabam atuando de maneira imperceptível e intermitente. Ao contrário, é necessário transpor o isolamento entre os variados segmentos etários, a fim de superar obstáculos que possam dificultar seus processos interativos.

Dessa forma, com o intuito de transformar a realidade positivamente, com a finalidade de deixar um mundo melhor para nossos descendentes, o livro, considerado um objeto cultural, sempre funcionou como uma poderosa força comunicativa, sendo mobilizado pelas instituições das mais variadas formas. Porém, no caso dessa experiência aqui relatada, caracterizada pela autoria compartilhada, pessoas de diferentes idades, por meio de diferentes linguagens expressivas, se reuniram para construir seu próprio livro. Esse “fazer” resultou em outro texto – o texto da história da construção do livro. História contada nesse artigo para ser lida e para inspirar outras experiências, como mais um elemento lançado nos ciclos das infinitas esferas interdependentes da criação.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. *Arte, Educação e Cultura*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2014.

- BRITTO, L. P. L. Educação infantil e cultura escrita. In: FARIA, A. L. G.; MELLO, S. A. (org). *Linguagens infantis: outras formas de leitura*. Campinas: Autores Associados, 2005, p.7-16.
- LOPES, E. S. L. *Encontros Intergeracionais e Representação Social. O que as crianças pensam sobre velhos e velhice*. Holambra: Editora Setembro, 2008.
- LOUREIRO, R.; DELLA FONTE, S. S. *Indústria cultural e educação em tempos pós-modernos*. Campinas: Papirus, 2003.
- MORIN, A. *Pesquisa-Ação Integral e Sistêmica: uma Antropopedagogia Renovada*. Trad. M. Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- SILVA, L. L. M.; FERREIRA, N. S. A. Avaliar práticas culturais de leitura. *Ensino em Re-Vista*, v. 18, n. 1, p. 47-56, jan./jun. 2011.

SOBRE AS AUTORAS

Selma Machado Simão é Mestre em Artes Visuais e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Desenvolve projeto de pós-doutorado em práticas educativas intergeracionais por meio da arte em um espaço de educação não-formal na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, em.
E-mail: selma.msimao@gmail.com

Elvira Cristina Martins Tassoni é Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. É docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
E-mail: cristinatassoni@puc-campinas.edu.br

Recebido em 01 de novembro de 2014 e aprovado em 31 de outubro de 2015.